

# A CONSTRUÇÃO DO "VAZIO DEMOGRÁFICO" E A RETIRADA DA PRESENÇA INDÍGENA DA HISTÓRIA SOCIAL DO PARANÁ. \*

MOTA, Lúcio Tadeu \*\*

---

RESUMO: Nosso objetivo é discutir a ideologia da construção de um território vazio, desabitado, no segundo e terceiro planalto paranaense. Procuraremos mostrar como esse espaço, habitado por comunidades indígenas, passa a ser projetado como um espaço vazio improdutivo, pronto a ser ocupado pela economia nacional com suas ramificações internacionais. Os agentes dessa projeção são vários: a história oficial das companhias colonizadoras; as falas governamentais e sua incorporação nos escritos que fazem a apologia dessa colonização exaltando seu pioneirismo; os geógrafos que escreveram sobre a ocupação nas décadas de 30 a 50 do século XX; a historiografia sobre o Paraná produzida nas universidades. As formulações dessa produção passam a ser reproduzidas nas escolas, em livros didáticos ou trabalhos acadêmicos, sendo aceitas como um pressuposto que acaba por retirar da história social paranaense a presença indígena, presença que resistiu e continua resistindo, das mais diversas formas, à ocupação de suas terras e à sua destruição enquanto comunidade diferenciada da sociedade nacional.

PALAVRAS CHAVES: História, Paraná, Kaingang, resistência indígena; vazio demográfico.

## THE CONSTRUCTION OF THE "DEMOGRAPHIC EMPTY" AND THE RETREAT OF THE INDIGENOUS PRESENCE FROM THE SOCIAL HISTORY OF PARANÁ.

SUMMARY: Our aim is to discuss the ideology of the construction of empty and uninhabited territory, on the second and third plateau of Paraná. We will try to show how this space, inhabited by indigenous communities, come to be projected as an empty and unproductive space, ready to be occupied by the national economy and its international branches. The agents of this projection are various; the official history of the colonizing companies; the govern speeches and its incorporation into the writings that make up the eulogy of the colonization, exalting its pioners, the geologists who wrote about the occupation in the 30th and 50th decades of the twentieth century; the history of Paraná made in the University. The formulations of this production turn to be reproduced in schools, in didactic books or academic school works (papers); wich are supposed to be acapted as something which ends up taking from Paraná social history, the indigenous presence, that resisted and still resists in many ways, the ocupation of their lands and their destruction as well, write differred communities of the national society.

Key words: history, Paraná, Kaingang, indigenous resistance, "demographic empty".

---

Na década de 50, o Paraná passa por um período de desenvolvimento ancorado na cafeicultura de exportação praticada no norte do Estado.<sup>1</sup>

Enquanto os geógrafos de São Paulo e Rio excursionam pela região tentando compreender o seu rápido povoamento, os intelectuais paranaenses pensam o Paraná, refletem sobre o *homem paranaense* na busca de uma identidade para a sociedade local. Dentre os autores que colocaram o paranismo em questão nos anos 50, destacam-se dois trabalhos que, nos anos seguintes, vão ser referência para os estudiosos da sociedade paranaense. O primeiro é o de Temístocles Linhares, **Paraná Vivo: sua vida, sua gente, sua cultura**, publicado por ocasião das comemorações do centenário da emancipação política da província do Paraná, em 1953. O segundo é um clássico da sociologia local: **Um Brasil Diferente (Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná)** de Wilson Martins, publicado em 1955.

As duas obras procuram dar uma identidade ao homem paranaense, responsável pelo impulso desenvolvimentista por que passa o Paraná nesse momento. Nossa intenção é apontar como Linhares e Martins vêem a ocupação do espaço chamado Paraná.<sup>2</sup>

\*. Esse texto é parte integrante da dissertação de mestrado; **Presença e Resistência Kaingang no Paraná**, defendida na PUC-SP em 1992.

\*\* Aluno do programa de pós-graduação, nível doutorado, da UNESP-ASSIS, e professor na UEM-MARINGÁ PR.

*No tempo das vacas magras*, título de um dos capítulos do livro de Linhares, trata da pecuária no Paraná, da ocupação dos campos gerais do segundo planalto e dos campos de Guarapuava pelas grandes fazendas de gado. Linhares vê a instalação dos latifúndios de criação de gado nos campos paranaenses da seguinte forma:

*É claro que no começo havia espaço de sobra. Mas foi inquestionavelmente o gado que trouxe o domínio da terra, varejada e esquadrinhada em todas as dimensões, pois a criação, por demais preciosa, exigia a vigilância contínua e atenta.*<sup>3</sup>

*Estes, (latifúndios) se de fato existiram em abundância, como tudo indica, foram sendo ocupados sem excessos nem lutas belicosas, mais como fruto de esforços pacientes e humildes,*<sup>4</sup>

Para Linhares, os campos gerais do sul do Estado eram *infundos*, e havia *espaço de sobra* para a instalação dos grandes criadores, espaços que foram ocupados *sem excessos nem lutas belicosas*, tudo pacientemente, pacificamente, sem *atitudes heróicas*, apesar de a criação do gado exigir uma *vigilância contínua e atenta*. Só não esclarece por que era necessária uma vigilância atenta: se contra os ladrões de gado das outras fazendas, os felinos que abundavam aqueles campos ou se contra os índios, que, conforme a literatura da época, *infestavam* os campos gerais paranaenses.

Descrita a pacífica ocupação dos campos do sul vejamos como o autor de **Parana Vivo** vê a ocupação das matas do norte do Estado.

*Descoberta a região de terras roxas, estava descoberto o café paranaense, eis a conclusão lógica.*<sup>5</sup>

O norte do Estado é descoberto, primeiro pelos mineiros que atravessam o rio Itararé e fundam as primeiras cidades do Norte Velho. Os mineiros vão ocupando as terras em direção ao rio Tibagi, a oeste.

*Depois vieram paulistas e nordestinos que, com os paranaenses também já disseminados por ali, deram início à marcha para o oeste, espraiando-se em iniciativas de verdadeiro descobrimento,*<sup>6</sup>

Vejamos o que move esses mineiros, paulistas, nordestinos e estrangeiros em direção ao norte paranaense:

*Sensíveis à perspectiva, à esperança e à promessa de uma terra virgem, de uma casa modesta, mas farta, de algumas vacas e outras coisas*

*indispensáveis, sem ninguém para lhes dar ordens ou lhes arrecadar a parte do leão, a verdade é que eles foram chegando e se fixando, para se tornarem uma legião.*<sup>7</sup>

São os pioneiros que, movidos pela perspectiva da propriedade privada, ocuparam as terras onde *era preciso fazer tudo* e que, vencidas as primeiras dificuldades, *viram realizados seus esforços*, pois a terra *correspondera em escala assombrosa aos seus novos desejos*.<sup>8</sup>

Discutindo o *Homem paranaense*, Wilson Martins, no seu "**Um Brasil Diferente**", volta ao momento da emancipação política do Paraná, em 1853, preocupado com o que pensa o primeiro presidente da província, Zacarias de Goes e Vasconcelos, sobre o povoamento do território. De acordo com o autor, a questão do povoamento é a principal preocupação do presidente, já que todos seus problemas administrativos se resumem na falta de gente num território de duzentos mil Km<sup>2</sup>. Dessa forma, para Martins,

*a província era nesse momento, do ponto de vista humano, um ilimitado deserto, interrompido irregularmente por dezenove pequenos oásis, situados a distâncias imensas um dos outros - e distâncias literalmente intransponíveis, pois, além dos "caminhos históricos", que iam revelar dentro de pouco não serem "caminhos econômicos", nada existia que pudesse prenunciar uma rede qualquer de comunicações. (...) Em compensação, na maior parte do território o vazio era absoluto: eram os "campos gerais", era a floresta, era a Serra do Mar.*<sup>9</sup>

Martins enfatiza a idéia do território despovoado, com as imagens de *ilimitado deserto*, ou *vazio absoluto*, para em seguida introduzir o imigrante estrangeiro e explicar o homem paranaense. Sublinha a *extraordinária premonição* de Zacarias de Goes com o futuro do Paraná, ao baixar a lei n<sup>o</sup> 29, de 21 de março de 1855, promovendo a imigração estrangeira para a província.

Na conclusão, Martins define o seu Paraná, o Paraná que ele idealizou, plasmado no migrante europeu, principalmente germânico. Um Paraná no início vazio, depois preenchido com *pedaços* de outras civilizações, que formam uma sociedade original, diferente da do resto do país.

*Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira.*<sup>10</sup>

O autor exclui os índios na formação da sociedade paranaense por ele idealizada, e opera a construção de um Paraná novecentista enquanto um território que se caracteriza por ser um *vazio absoluto*, um *ilimitado deserto*, apagando da história a presença indígena.

Se nos anos 50 temos uma produção de caráter sociológico como as obras de Martins e Linhares, nos anos 60 vamos ter, na Universidade Federal do Paraná, um núcleo de professores preocupados com a História do Paraná. Esse núcleo vai ser responsável pela produção de textos relacionados com a história regional do Paraná e também por uma linha de pesquisa desenvolvida no departamento de História, orientando ainda trabalhos de mestrado e doutorado nas décadas seguintes.

Em 1951, Brasil Pinheiro Machado publicava um pequeno estudo denominado **Esboço de uma Sinopse da História Regional do Paraná**, que pressupunha um modelo de explicação da história regional do Paraná. A sinopse constituiu-se num marco da historiografia paranaense, como aponta o editor da revista **História: Questões & Debates**:

*Portanto, quase quarenta anos após a sua primeira publicação, seu conteúdo continua atual, além de sua importância para a historiografia paranaense. Dessa forma, explica-se a decisão do Conselho Editorial em republicar o artigo, com anuência do Autor, justificando também sua inserção na Revista como documento.*<sup>11</sup>

Vamos ver o lugar do índio no modelo de Machado:

*É um momento culminante da história brasileira, aquele em que os descendentes de europeus, africanos e indígenas, tomam consciência de que não são mais nem europeus, nem africanos e nem índios, mas qualquer coisa diferente deles todos.*<sup>12</sup>

A metamorfose do índio em cidadão nacional se dá pela tomada de consciência em um momento da história. A identidade nacional é forjada na medida em que se deixa para trás a identidade indígena. A existência de uma pressupõe a eliminação da outra. E qual vai ser o *momento culminante* da tomada de consciência onde o índio deixa de ser índio para ser cidadão nacional? Ele não explicita, mas deixa pistas:

*A história do Paraná é, pois, um capítulo da história regional do Brasil, e consiste na história da formação de uma comunidade que, como tal, adquiriu individualidade distinta, de qualquer forma, das outras comunidades regionais do Brasil. Sua formação, em traços gerais, se processa do seguinte modo:*

*a) pela formação de um centro social de irradiação, que se localizou em Curitiba;*

*b) pela expansão dirigida desse centro, de onde resultou a conquista, pela posse, de determinado território;*

*c) pela constante subordinação social e política dos núcleos resultantes da expansão ao centro social inicial de Curitiba, de modo a formar um conjunto.*<sup>12</sup>

O modelo destaca a dinâmica centro - periferia, tendo Curitiba como polo irradiador e subordinador dos núcleos resultantes da expansão pelo resto do território. A partir de Curitiba, temos, nos séculos XVIII e XIX, a conquista, primeiro dos campos do planalto curitibano nos arredores da cidade, em seguida dos campos gerais do segundo planalto e, por último, dos campos de Guarapuava já no terceiro planalto. A posse desses territórios pelos nacionais com fazendas de gado significou a expulsão das sociedades indígenas aí existentes para as matas, ou para as florestas do oeste e norte do Estado. Será este talvez o momento da tomada de consciência do indígena, de que ele não é mais um índio mas alguma coisa diferente? Será este o momento, o momento das perdas das terras para os nacionais, em que ele percebe que está deixando de ser índio? O processo de posse das terras indígenas seria o cadinho metamorfoseador do índio em nacional, de que nos fala o autor?

Depois das considerações iniciais, onde coloca as questões da metodologia de uma história regional, destacando a dinâmica centro - periferia e o estudo das comunidades diferenciadas na formação da sociedade paranaense, Pinheiro Machado passa a periodizar a história do Paraná, propondo capítulos específicos para cada período. Apresentado o que seriam o terceiro, quarto e quinto capítulos da história paranaense, Pinheiro Machado afirma que, a partir de 1640, restauração de Portugal, tem início a conquista da região sul pelas populações luso-brasileiras, e coloca a expansão dessas populações, até esse momento, em direção ao oeste, como sendo:

*nem defensiva nem ofensiva, mas simples migração de nomadismo aproveitador de riquezas existentes. (...) É a história de um povo consumidor de riquezas naturais que, por revivência cultural e pela influência da terra, aliou o nomadismo destruidor com os métodos imprevidentes do indígena, sob a orientação do lucro imediato que era a forma peninsular do capitalismo nacente*<sup>13</sup>

Para o autor, a expansão luso-brasileira em direção ao oeste *não é defensiva nem ofensiva*. Se pensarmos nos castelhanos que estão do outro lado do rio Paraná ou nas margens ocidentais dos campos gaúchos, essa expansão não tinha o sentido defensivo ou ofensivo como coloca o autor. Mas, se pensarmos na ótica das comunidades indígenas espalhadas pelos campos e florestas da região sul, essa expansão é altamente ofensiva, é um ataque direto aos seus territórios. Não bastasse isso, o autor ainda coloca como aliado o *nomadismo destruidor* dos luso-brasileiros com os *métodos imprevidentes do indígena* no saque à natureza, impetrado pela sociedade colonial na sua busca pelo *lucro imediato*. Conforme o autor, o índio ainda tem sua parcela de culpa pela ação do branco no processo de depredação da natureza.

Prosseguindo sua exposição sobre a ocupação do sul do país a partir da determinação do Estado português em ampliar suas fronteiras, o autor nos diz:

*O processo consiste, primeiro, no esmagamento dos localismos e liberdades locais, depois o descobrimento dos lugares desabitados e seu povoamento compulsório, pela fundação de vilas e criação de fazendas e estâncias e pelas construções de estradas de ligação dos vários núcleos.*<sup>14</sup>

Mais adiante:

*Entre Portugal e Espanha tinha-se conseguido um acordo, que parecia a todos provisório. As fronteiras seriam demarcadas por onde houvesse ocupação e posse. Era preciso, então, povoar. Distender as populações em mais vilas. Chegar antes que os espanhóis nas terras desabitadas. Tomar posse.*<sup>15</sup>

Permeando o texto estão os conceitos de *lugares desabitados*, *terras desabitadas* e, finalmente, utiliza-se de Oliveira Viana para apresentar o bugreiro como ponta de lança do processo civilizatório:

*O bugreiro surge nas zonas de atrito do civilizado com nossa selvageria remanescente: no Paraná, em Santa Catarina e, principalmente, no Paranapanema e no traçado da Nordeste (...) Nessa obra de conquista civilizadora da terra, o bugreiro vence o obstáculo material, que é o índio nômade, povoador infecundo da floresta fecunda.*<sup>16</sup>

Dessa forma, o autor desenvolve sua proposta para um modelo explicativo da história do Paraná, propondo vinte e dois capítulos para a mesma. Modelo este que a editoria da revista **História: Questões & Debates**,<sup>17</sup> da Associação Paranaense de História, *considera atual*, pois:

*varias gerações de professores e estudantes de história tem utilizado (...) tanto na investigação como no ensino da História do Paraná*<sup>18</sup>.

No entanto, nesse modelo, apesar dos vinte e dois capítulos propostos, não existe lugar para as sociedades indígenas existentes no território paranaense. A perspectiva dessa história é a da sociedade nacional. O referencial é, sempre, a ação do branco luso-brasileiro no seu *movimento demográfico de expansão que se assenhoreia de largos tratos do território*<sup>19</sup>

O grupo de pesquisadores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, que desenvolve linhas de pesquisa sobre a história regional, publicam, nos anos 60, vários textos tratando de questões relacionadas com a ocupação do Paraná. Em 1968, os professores Pinheiro Machado, Maria C. Westphalen e Altiva P. Balhana publicam um artigo que trata da ocupação das terras paranaenses, ressaltando as concessões dos governos estaduais às grandes empresas colonizadoras estrangeiras e dos movimentos agrários ocorridos no momento. Faz ainda um levantamento dos principais conflitos de terras no Paraná nas décadas de 40, 50 e 60, constituindo-se num dos primeiros trabalhos sobre a ocupação das terras do Estado numa perspectiva crítica. No entanto, enfocam as terras ocupadas pelos índios como desabitadas. Ao tratar do Paraná tradicional, a região dos Campos Gerais, a perspectiva é a seguinte:

*Além dos ervateiros que, desde o primeiro quartel do século XIX, criaram, pela exportação, o principal negócio da Província, ganhava expressão, no fim do século, a indústria da madeira.*

*No entanto, com a exploração dos ervais e das matas de araucárias, pouco fora acrescida, no decorrer do século, a área do território já ocupado. Por sua vez, o plano de colonização com imigrantes estrangeiros, posto em prática pelo Governo Provincial, também não visara o preenchimento de largos espaços vazios, mas também a agricultura de abastecimento.<sup>20</sup>*

Um pouco mais adiante:

*A marcha da ocupação do território, porém, cessara com a estabilização e decadência da sociedade campeira dos Campos Gerais. Restavam, pois, ao final do século, desocupadas as regiões do Norte, Oeste e Sudoeste paranaense, afora a presença de rarefeitos posseiros caboclos, nos seus confins, que não organizaram em comunidades.<sup>21</sup>*

Os autores consideram que os planos de migrações desenvolvidos nos governos provinciais da segunda metade do século passado não tinham como objetivo o *preenchimento de largos espaços vazios*. Consideram ainda as terras do norte, oeste e sudoeste do Estado *desocupadas*, apesar de alguns *rarefeitos posseiros caboclos*.

A mesma perspectiva continua quando tratam da ocupação do Paraná no século XX. Trabalhando com a questão das concessões feitas pelos governos do Estado às companhias colonizadoras utilizam o conceito de *terras devolutas*:

*A mais conseqüente, no entanto, dessas concessões foi a realizada, por meio de venda, feita pelo Governo do Estado do Paraná, de terras consideradas devolutas à Paraná Plantations Limited com sede em Londres<sup>22</sup>.*

Ou ainda,

*O Governo do Estado, proprietário, ainda, de grandes áreas de terras devolutas e de terras de antigas concessões anuladas que haviam retornado ao seu patrimônio, iniciou também, a partir de 1939, diretamente, um programa de colonização de muitas dessas áreas no Norte paranaense.<sup>23</sup>*

Encontramos também no texto, além das idéias de *largos espaços vazios*, *regiões desocupadas*, *terras devolutas*, a afirmação de que o oeste paranaense permanecia, até os anos 20 deste século, *praticamente despovoado e desconhecido*.<sup>24</sup>

Balhana publica na **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, de maio/junho de 1969, um artigo sobre a política migratória do Paraná, que traz como um dos subtítulos; **Imigração para povoar vazios demográficos**. De acordo com Balhana, com a *Independência acentua-se a preocupação pelos vazios demográficos*<sup>25</sup>. Este foi o caso dos núcleos coloniais de Thereza Cristina, fundada em 1847 pelo francês João Maurício Favre, nas margens do rio Ivaí, e da colônia Superaguy, de suíços, franceses e alemães, fundada por Carlos Perret Gentil, em 1852, em Guarequeçaba.

*Estes núcleos, estabelecidos ambos em função da política de povoar os vazios demográficos, não tiveram condições de prosperidade e quase mesmo de sobrevivência.*<sup>26</sup>

A partir do início dos anos 70 começam aparecer trabalhos acadêmicos sobre o Paraná. São trabalhos de História, Geografia, Economia, Política, Sociologia, e que têm como substrato comum uma bibliografia básica ancorada nos textos dos geógrafos/sociólogos que pensaram o Paraná nos anos 50, e o núcleo de historiadores da Universidade Federal do Paraná, com sua produção nos anos 60.

Alguns desses trabalhos apresentam a configuração demográfica de determinadas regiões do Paraná no momento da sua ocupação, e a idéia do vazio demográfico também está presente.

Trabalho considerado importante nas últimas duas décadas na área de economia, foi a tese de doutoramento de Pedro Calil Padis - **Formação de uma Economia Periférica: O Caso do Paraná**, defendida em 1970 e publicada dez anos depois. Padis coloca a economia paranaense como periférica de um sistema maior, o brasileiro, e, mais especificamente, na periferia da economia paulista. Considera que, com a ocupação do norte do Estado, a implantação da economia cafeeira, a partir dos anos 30, *uma verdadeira revolução irá ocorrer na economia do Estado e transformar-lhe a fisionomia*<sup>27</sup>

Enfocando a região norte do Estado, diz:

*Em menos de quarenta anos uma área de aproximadamente 71. 637 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 36 por cento do território paranaense transforma-se de densa mata, absolutamente despovoada, em região que, em 1960, contava com cerca de 1.843 mil habitantes (34 por cento da população do Estado) distribuídos em 172 cidades, algumas de porte considerável.*<sup>28</sup>

A partir da tese de Padis, muitas das explicações sobre a economia paranaense anterior a 1930 passam a adotar a perspectiva de economia periférica proposta por ele.

O primeiro trabalho acadêmico realizado especificamente sobre uma cidade fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná foi a dissertação de mestrado em história social da professora France Luz, da Universidade de Maringá, denominado **O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá**. Como o próprio nome indica, a preocupação central é estudar a fundação, crescimento e desenvolvimento de uma cidade numa zona considerada pioneira. Ao fazer considerações sobre o povoamento do norte do Paraná, a autora afirma:

*Ao se investigar o povoamento do Estado do Paraná, verifica-se que até o início deste século grande parte do seu território ainda não fora ocupado.*<sup>29</sup>

As tentativas de colonização desenvolvidas a partir da segunda metade do século passado com europeus não tiveram tanto sucesso, como dá a entender a mesma autora, e:

*Assim, não tendo recebido grande contingente de imigrantes estrangeiros, nem atraído a migração interna, o Paraná se manteve em grande parte despovoado até o início deste século*<sup>30</sup>

Dentro dessa perspectiva, o texto, se desenvolve em meio a expressões como; *boca do sertão, terras virgens*, que sugerem a idéia de um Paraná vazio à espera da colonização, seja via migrações proporcionadas pelo Estado, pela ação de companhias colonizadoras, ou até mesmo pelo povoamento espontâneo.

Outra dissertação de história social sobre o Paraná, também defendida na Universidade de São Paulo em 1980, discorre sobre o papel das sesmarias no século XVIII, na ocupação dos campos gerais paranaenses, e igualmente assume a idéia de *terras devolutas* para denominar as terras indígenas. **As Sesmarias do Paraná no Século XVIII**, de Marina L. Ritter, coloca a questão da seguinte forma:

*O confronto sesmaria - fazenda, na solução encontrada pela ocupação efetiva do espaço paranaenses, demonstra o retalhamento da terra devoluta que permanecia nos contornos das Fazendas, proporcionando o aparecimento de uma infinidade de Sítios.*<sup>31</sup>

Primeiro, requerem-se as sesmarias, quer dizer, ocupam-se terras pertencentes às comunidades indígenas há centenas de anos, através de concessões da coroa portuguesa, que se acha dona de parte dessas terras. Em seguida, denominam-se as terras existentes entre as sesmarias, que também pertencem aos índios, de *terras devolutas*, isto é, desocupadas, sem dono, para logo em seguida retalhá-las em sítios, fazendo a ocupação definitiva.

Ao discutir a conjuntura ocupacional do norte paranaense, Ivani Rogati Omura, numa dissertação sobre comportamento político em Maringá, demonstra que a ocupação da região norte do Estado se deu em consequência do avanço da cultura cafeeira na sua forma empresarial, dirigida tanto pela Companhia de Terras Norte do Paraná como pelo próprio Estado, e que a questão do fenômeno migratório por que passou a região naquele instante foi uma decorrência da expansão do capital. No entanto, a autora enfoca as grandes áreas do Paraná como um imenso vazio a ser ocupado:

*A investigação do povoamento do Estado do Paraná, permite constatar que grande parte de seu território não fora ainda ocupado até o início deste século. (...) Assim, apesar das tentativas oficiais de colonização já mencionadas, o norte do Paraná permaneceu até o último quartel do século XIX, como sertão desconhecido e desabitado.*<sup>32</sup>

Ao tratar da aquisição das terras da região pela **Paraná Plantations Ltd**, a autora afirma que isso se deu através da compra de terras devolutas ao Estado.<sup>33</sup> E ao discutir o pioneirismo, o enfoque é o mesmo:

*A frente cafeeira no Paraná pode ser vista como uma frente capitalista competitiva, e não como "frente pioneira", pois admitindo que pioneiro é o que vai adiante, é o que abre caminho, o lavrador e o pequeno proprietário são pioneiros; na estrutura em estudo, porém, não coube ao lavrador a decisão de migrar: os fluxos foram determinados pelo movimento do capital, ou seja, a frente capitalista, ao fazer a prévia ocupação dos espaços vazios por grandes propriedades, antes que lá chegassem os lavradores e os pequenos proprietários, cumpriu o pioneirismo.*<sup>34</sup>

Ainda em 1981, uma outra dissertação de mestrado sobre a colonização agrícola de Assaí por uma empresa japonesa a partir de 1930, também acaba por repetir a idéia do vazio demográfico. Tratando da



colonização do Estado no século passado, o texto discorre<sup>35</sup> sobre as várias formas de colonização levadas adiante, que vão desde a colonização oficial, promovida pelo governo, as particulares, que contam com estímulos governamentais, até os estabelecimentos das colônias militares com objetivos defensivos. Em seguida, aponta para os objetivos dos esforços dos governos central e provincial para a colonização do Estado.

*Estes esforços serão feitos para aumentar a entrada de novos contingentes populacionais preenchendo os vazios demográficos,<sup>36</sup>*

A argumentação continua como a matriz teórica dos anos 60. Junto à criação das colônias *fazia-se a penetração pelo sertão em vários rumos*<sup>37</sup> Não se penetra nos territórios indígenas, e sim no *sertão*, sertão este que, como já definiu o geógrafo Nilo Bernardes, é sinônimo de **vazio demográfico**<sup>38</sup>

Poderíamos continuar mostrando como a idéia do vazio demográfico é uma presença constante nos trabalhos acadêmicos sobre a sociedade paranaense<sup>39</sup>, aparecendo ora como *terras devolutas*, ora como *sertão desabitado*, ou outras variadas formas de expressão.

Essas formulações passam a ser reproduzidas nas escolas, em livros didáticos ou trabalhos acadêmicos, passando a ser aceitas como um pressuposto que acaba por retirar da história social paranaense a presença indígena, presença que resistiu e continua resistindo, das mais diversas formas, à ocupação de suas terras e à sua destruição enquanto comunidade diferenciada da sociedade nacional.

## BIBLIOGRAFIA

- BALHANA, Altiva Pilatti. **Política Imigratória do Paraná**. In: Revista Paranaense de Desenvolvimento, maio/junho de 1969.
- BERNARDES, Nilo . **Expansão do Povoamento no Estado do Paraná**. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 14 (4): 58, out/dez 1952.
- BURMESTER, A. M. de O. F. PAZ, M. D. B. DE MAGALHÃES. O Paranismo em Questão: O Pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na Década de 50. Texto apresentado no I Encontro Regional de História - "Cultura e Sociedade" promovido pela ANPUH, Núcleo Regional do Paraná, em Curitiba, outubro de 1986,
- CANCIAN, Nadir A. Cafecultura Paranaense - 1900/1970. Curitiba, Grafipar, 1981.
- CODATO, Evandir. Colonização Agrícola: A Colônia Três Barras - 1932/1970 Maringá, 1981. Mimeografado.
- EL-KHATIB, Faissal. (Org.) História do Paraná, 4 vols., Curitiba, Grafipar, 1969.
- LINHARES, Temístocles. Paraná Vivo. Rio de Janeiro, José Olimpo, 1985.
- LOPES, Ana Yara D. P. Pioneiros do Capital: A Colonização do Norte Novo do Paraná, São Paulo, USP, 1982. Mimeografado.
- LUZ, France. O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá, São Paulo, USP, 1980. Mimeografado.
- MACHADO, Brasil Pinheiro. Esboço de uma Sinopse da História Regional do Paraná. In: História: Questões & Debates, ano 8, n. 14, dezembro de 1987, p. 177-205.

- MARTINS, Wilson. Um Brasil Diferente. São Paulo, Anhembi, 1955.
- OMURA, Ivani Rogatti. Eleitores e Eleitos - Composição e Comportamento Maringá, 1956-1964. Maringá, 1981. Mimeografado.
- PADIS, Pedro Calil. Formação de uma Economia Periférica: O Caso Paranaense. São Paulo, Hucitec, 1970.
- REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE HISTÓRIA, História: Questões & Debates, ano 8, n. 14, dezembro de 1987.
- RITTER, Marina Lourdes. As Sesmarias do Paraná no Século XVII. Curitiba, Instituto Histórico Geográfico Etnográfico Paranaense, 1980.
- WACHOWICZ, Ruy C. História do Paraná, Curitiba, Grafica Vicentina, 1967.
- WESTPHALEN, Cecília M. Brasil P. MACHADO e Altiya P. BALHANA. **Nota Prévia ao Estudo da Ocupação da Terra no Paraná Moderno**. In: Boletim da Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, n. 7, 1968.

- 
1. Cf. Nadir A. CANCIAN. Cafeicultura Paranaense - 1900/1970. Curitiba, GrafiPar, 1981.
2. Ver a análise das duas obras feitas pelos pesquisadores do IPARDES, A. M. de O. BURMESTER, F. PAZ, M. D. B. DE MAGALHÃES. O Paranismo em Questão: O Pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na Década de 50. Texto apresentado no I Encontro Regional de História - "Cultura e Sociedade" promovido pela ANPUH, Núcleo Regional do Paraná, em Curitiba, outubro de 1986, mimeografado.
3. Temístocles LINHARES. Paraná Vivo, p. 44.
4. Op. cit., p. 47.
5. Op. cit., p. 90.
6. Op. cit., p. 91.
7. Op. cit., p. 107.
8. Op. cit., p. 107.
9. Wilson MARTINS. Um Brasil Diferente, p. 71.
10. Op. cit., p. 468.
11. Cf. Nota do editor In: História: Questões & Debates, Revista da Associação Paranaense de História, ano 8, n. 14, dezembro de 1987, p. 177.
12. Brasil Pinheiro MACHADO. Esboço de uma Sinopse da História Regional do Paraná. In: História: Questões & Debates, ano 8, n. 14, dezembro de 1987, p. 178.
12. Op. cit., p. 183.
13. Op. cit., p. 185.
14. Op. cit., p. 188.
15. Op. cit., p. 191.
16. Op. cit., p. 199.
17. Sobre o texto de Pinheiro MACHADO, **Esboço de uma Sinopse da História Regional do Paraná**, publicado originalmente no Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, em Curitiba, em 1951, a Revista História: Questões & Debates publicou dois estudos sobre o mesmo. O primeiro, de Jayme Antonio CARDOSO, **O Modelo de Explicação Histórica proposto por Brasil Pinheiro Machado**; o segundo de Marionilde Dias B. MAGALHÃES, **Acerca do Modelo Pinheiro Machado: Uma Leitura Sobre a História Regional**. Os dois estudos foram publicados n. 2 em junho de 1981, dessa revista. Temos ainda um outro estudo publicado na Revista Paranaense de

- 
- Desenvolvimento n. 73, de dezembro de 1980, intitulado **Considerações sobre Teoria Geral e Modelos de Explicações**, de Marina Lourdes RITTER.
- 18 . Cf. nota do editor in: História: Questões & Debates, Revista da Associação Paranaense de História, ano 8, n. 14, dezembro  
de 1987, p. 177.
- 19 . Brasil Pinheiro MACHADO. Op. cit. p. 182.
- 20 . Cecilia M. WESTPHALEN, Brasil P. MACHADO e Altiva P. BALHANA. **Nota Prévia ao Estudo da Ocupação da  
Terra no Paraná Moderno**. In: Boletim da Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, n. 7, 1968, p. 10.
- 21 . Op. cit., p. 11.
- 22 . Op. cit., p. 18. A Paraná Plantation Limited foi a companhia que colonizou 545 mil alqueires de terras no norte do Estado,  
criando as principais cidades da região como Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama e uma dezena de outras cidades  
menores. No Brasil ela recebe o nome de Companhia de Terras Norte do Paraná. No período da segunda guerra mundial,  
um grupo brasileiro compra a CTNP, que passa a ser denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.
- 23 . Cecilia M. WESTPHALEN, Brasil P. MACHADO e Altiva P. BALHANA. Op. cit., p. 19.
- 24 . Op. cit., p. 20.
- 25 . Altiva Pilatti BALHANA. **Política Imigratória do Paraná**. In: Revista Paranaense de Desenvolvimento, maio/junho de  
1969, p. 68.
- 26 . Op. cit., p. 70. A produção desse grupo de professores do departamento de História da Universidade Federal do Paraná é  
muito vasta. WESTPHALEM, BALHANA e MACHADO participaram conjuntamente do primeiro volume de História do  
Paraná, 4 vols., organizado por Faissal EL-KHATIB, publicado em 1969, obra clássica da historiografia paranaense.  
MACHADO e BALHANA ainda escrevem para o Boletim da Universidade do Paraná, n. 3, junho de 1963, o artigo,  
**Contribuição ao Estudo da História Agrária do Paraná**, além de varios outros estudos individuais publicados nos  
últimos anos.
- 27 . Cf. Pedro Calil PADIS. Formação de uma Economia Periférica: O Caso Paranaense. p. 82.
- 28 . Op. cit., p. 83.
- 29 . Cf. France LUZ. O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá, p. 84.
- 30 . Op. cit., p. 85.
- 31 . Cf. Marina Lourdes RITTER. As Sesmarias do Paraná no Século XVII, p. 207.
- 32 . Cf. Ivani Rogatti OMURA. Eleitores e Eleitos - Composição e Comportamento Maringá, 1956-1964, mimeografado, p.  
37.
- 33 . Op. cit., p. 41.
- 34 . Op. cit., p. 53.
- 35 . Os tipos de colônias apresentados aqui têm como referência o texto **Política Imigratória do Paraná**, da professora Altiva  
P. BALHANA, já discutido por mim anteriormente.
- 36 . Cf. Evandir CODATO. Colonização Agrícola: A Colônia Três Barras - 1932/1970, p. 10, mimeografado.
- 37 . Op. cit., p. 16.
- 38 . Ver Nilo BERNARDES. **Expansão do Povoamento no Estado do Paraná**. In: Revista Brasileira de Geografia, 14 (4):  
58, out/dez 1952.
- 39 . Cf. ainda: Ruy C. WACHOWICZ. História do Paraná, 1967, p. 85, onde fala das terras do Paraná como "terra de ninguém,  
entregue ao gentio", apesar de nesta mesma obra descrever em vários momentos conflitos entre branco e índios no  
processo de ocupação do Estado. Ana Yara D. P. LOPES. Pioneiros do Capital: A Colonização do Norte Novo do Paraná,  
dissertação de mestrado em ciências sociais, USP, 1982, num dos trabalhos mais criticos sobre o tema, também utiliza  
conceitos como "terras do Paraná, praticamente desabitadas" e "terras devolutas", pp. 3, 9, 24. Sandino HOFF, em O  
Movimento da Produção de Excedentes numa Região Pioneira (Nas pegadas do trabalho: Café e Idéias), p. 90, fala em

---

"terras improdutivas", "terras devolutas". Presentes também estão esses conceitos na fala dos governadores do Estado que promoverão a colonização do norte e oeste do Paraná, a partir da década de vinte.